

CARRIA

R

T

E



Prefácio

O nosso quotidiano está cheio de palavras. As que proferimos e as que ouvimos, as que acolhemos e as que ignoramos. Servem para ordenar, pedir, exprimir sentimentos, opiniões, juízos... São o traço mais marcante da nossa comum humanidade. Organizam, e também dificultam, a nossa vida em sociedade. Compõem os nossos pensamentos. Fazem-nos únicos porque é com elas que nos dizemos e interpretamos os outros, a natureza, o mundo.

É imperioso conhecê-las, muitas e intimamente, saber organizá-las em discurso para que descrevam, expliquem, desvendem o funcionamento das coisas e o sentido da vida ou exprimam o espanto e perscrutem o mistério.

Mas são tantas e tão fugazes, e por vezes tão mal ditas, que corremos o risco de não lhes dar o devido valor.

Palavra leva-as o vento... Não as que se seguem. Organizadas em textos de diferente natureza, em papel impressas, são palavras cujos autores quiseram que perdurassem. Podem até ser fruto do acaso, do furtuito, da intuição, mas quem as escreveu quis que não se perdessem, que outros as lessem e, assim, delas se apropriassem e, gostando ou não, concordando ou não, passassem a fazer parte da sua experiência de vida. E assim vamos sendo mais, na relação com os outros expressa em palavras refletidas, sentidas e escritas.

Este livro é o reconhecimento e a homenagem a quem acredita no poder e valor da palavra. A quem sentiu, refletiu, pensou, dispôs de engenho e tempo para o exprimir em discurso escrito e aceitou partilhá-lo com leitores, sujeitando-se ao seu escrutínio. Mas também aos que, familiares e professores, lhes facultaram os recursos e os incentivaram a que o fizessem.

Possa este livro ser um estímulo para que os seus autores prossigam a aventura das palavras escritas e partilhadas e para que muitos outros descubram o gozo da escrita, o poder das palavras na interpretação e fruição da vida.

Maia, 6 de maio de 2012

Paulo Melo

Textos Criativos



É o único planeta azul
do Sistema Solar, com
água, com vida, com
alma e com história.
É o planeta Terra, o
nosso Mundo!

Inês Aroso, nº8, 11ºC

A mochila cansada

Quinta-feira, 16 de agosto de 2007

Querido diário,

Estou velha e cansada, cada vez mais fraca, já não sirvo para aquelas brincadeiras de jovens. Ainda me lembro de quando a Joana me levava para as festas de “Halloween”, onde me disfarçavam de abóbora para recolher todas aquelas guloseimas. No fim daquelas noites eufóricas sentia-me imensamente orgulhosa, apesar de estar coberta de açúcar, ajudei a Joana, fazendo-a feliz.

Hoje, sou completamente inútil, até já me substituiu!

Adorei enquanto durou, como tudo isto terminou, agora só me posso agarrar às recordações de quando era jovem e tinha forças para brincar. Nunca fui posta de lado, incluíam-me sempre nas brincadeiras como se fosse a coisa mais importante da vida de Joana, agora estou aqui arrumada a um canto sozinha neste sótão poeirento.

Gostava muito de voltar à escola com ela, sentir aquela emoção de voltar a ser útil, chegar a casa estafada de tanto peso carregar e cheia de dores de costas, mas não sei se aguentaria durante muito tempo, o meu fecho está estragado, as minhas alças rebentadas e o meu laranja desbotado.



Era a mais perfeita da turma, quando alguém me queria riscar Joana impedia que mo fizessem, porque sabia que me ia magoar e que eu não concordaria com isso.

Eu também nunca a desrespeitei, guardei sempre bem guardadinhos os seus segredos dentro de mim, fazendo com que ninguém os soubesse.

Eu sei que ela ainda gosta muito de mim, caso contrário, já me teria deitado ao lixo.

Diverti-me durante todos estes anos, agora está na altura de deixar este trabalho para outros e descansar.

Sou uma mochila alaranjada, quase sem cor, velha, cansada e já não sirvo para nad...

Ana Margarida Calçada n°1 8ºB

Beatriz Mena n°4 8ºB

Diana Soares n°9 8ºB

Diana Silva n°10 8ºB

A lenda da sexta-feira 13

Em plena sexta-feira 13, surgiu um novo jogo na internet, “Talking with the devil”, e nas poucas horas em que o jogo esteve aberto na internet, já tinham sido feitos mais de 1000 registos. Parece que este jogo iria ser bastante popular entre os internautas e fanáticos por jogos online.

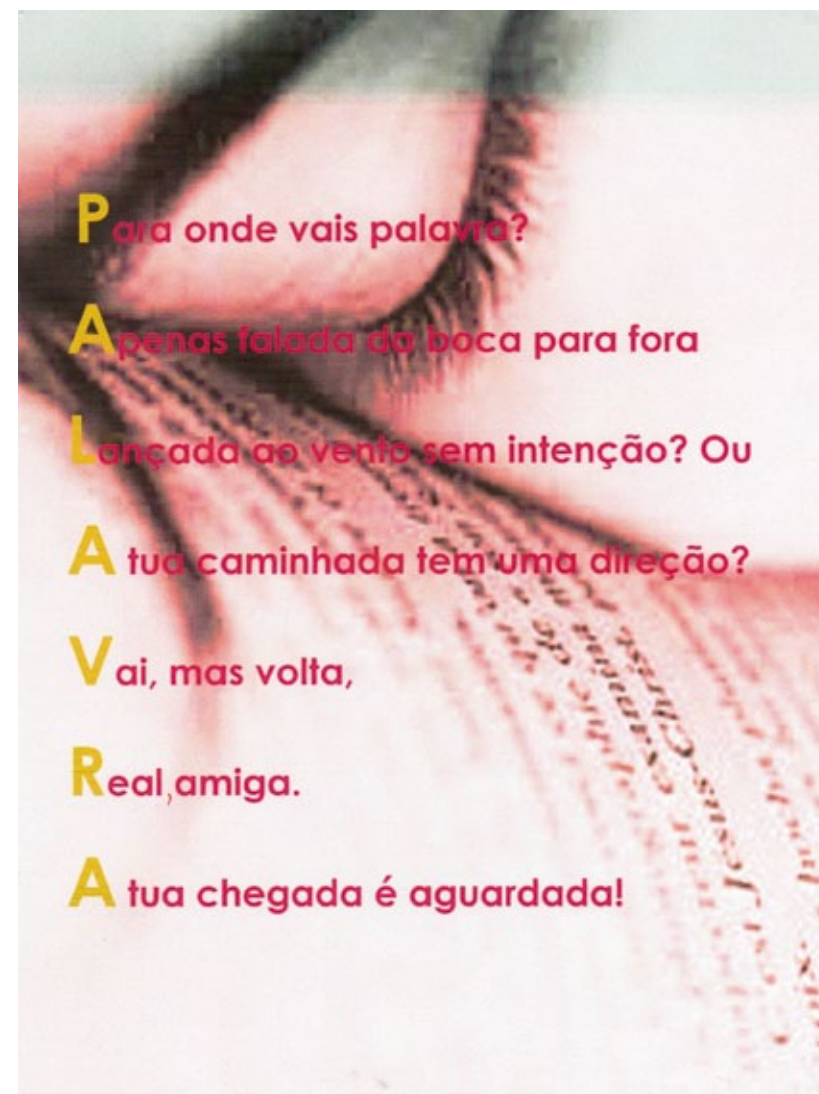
Aparentava ser um jogo misterioso! Surgiram boatos que, se se começasse a jogar esse jogo, se poderia dialogar com demónios, espíritos, e almas do outro mundo mas havia um problema: quem jogasse, nunca mais se poderia ver livre deles!

Certo dia, uma rapariga tentou tirar o seu registo do jogo. Mas, como o boato afirmava, nunca se poderia vir a livrar dos demónios... Nesse dia, uma sexta-feira 13, a rapariga não conseguia adormecer e, quando conseguiu, sonhou com o diabo que dizia que a viria matar. Ela, atormentada, acordou e foi a correr para o computador e tentou fazer um novo registo. Ao fazê-lo, deu erro!

Curiosamente, na seguinte sexta-feira 13, a rapariga adormeceu e nunca mais acordou.

A partir de então, este dia ficou conhecido como dia do azar.

Ana Rocha, nº3, 7ºD



Maria Luís Salgueiro, 9ºF

A Vida De Um Caderno Maltratado

Aqui vão as minhas memórias, as memórias de um caderno maltratado e infeliz.

Lembro-me bem do dia em que me compraram. Saí da loja muito feliz, mas quando cheguei a casa, reparei que o meu dono vivia na imundície e logo percebi que ia ser maltratado. A partir daí, nunca mais fui o mesmo. Passei a viver infeliz, juntamente com os psicopatas dos outros cadernos.

No primeiro dia de aulas, fui numa mochila toda desarrumada e que cheirava mal, não devia ser lavada há imenso tempo.

Quando cheguei à sala, apercebi-me que ia servir para a disciplina de Físico-Química e, por azar, o meu dono não gostava dela. Logo, já sabia que ia ser abandonado. Nesse dia fui molhado, rasgado, dobrado ... Isto foi o início do fim.

Desde então, fui todos os dias massacrado por aquele terrível miúdo que fazia das minhas folhas aviões de papel, chapéus, cocas, ... serviam para tudo, menos para apontamentos.

Todos os dias era transportado na mesma mochila do primeiro dia de aulas, que cada vez estava mais suja, desarrumada e cheirava muito pior, era um desastre! Quando chegava a casa, era atirado para cima da secretária, que também tinha um ar infeliz, e nunca mais era tocado durante a semana inteira, pois só tinha utilidade à segunda-feira.

Agora estou no sótão à espera de ser levado para a reciclagem, o que me veio dar uma segunda oportunidade de ser feliz e de ser utilizado por alguém que goste de mim! E por isso, apelo a todos os jovens estudantes que tratem bem o seu material e que lhe deem a utilidade que merece!

Eduarda Vieira, nº6

Francisca Maia, nº7

Francisco Cima, nº8

Sofia Bessa, nº23

8ºA

A Tristeza dos seus olhos

Estava absorto nos meus pensamentos, sentado naquele velho banco de jardim que recordo desde os meus tempos de infância, quando reparei num rapaz jovem, dos seus dez anos, “preso” numa cadeira de rodas a observar crianças a jogar à bola, outras a correr e ainda um par de namorados que escolhera a sombra de uma cerejeira como o seu local romântico. Quando me deparei com isto, peguei em papel e caneta e escrevi a crónica que hoje apresento ao leitor.

Decidi prestar mais atenção ao olhar do rapaz. O seu olhar transmitia mágoa, nostalgia, uma frieza que nunca vira antes, mas que, naquele momento, eu compreendia. A meu ver, o rapaz sentado naquela cadeira de rodas já pudera andar. Era por isso que olhava os outros daquela maneira. Com certeza se sentia revoltado por estar incapacitado. Não poder correr, andar de bicicleta ou até mesmo saltar, como muitas crianças da sua idade faziam, devia fazer com que ele se sentisse diferente perante elas. Um misto de emoções percorreu a minha alma. Terão sido todas estas emoções que fizeram com que eu captasse o seu olhar?

Estava tão concentrado a observá-lo que nem reparei que a bola com que as crianças jogavam fora ao seu encontro. O que iria ele fazer? Vi que colocara as mãos sobre as rodas e começara

a aproximar-se dela. Debruçou-se, pegou nela calmamente e, depois, lentamente, atirou-a para uma criança do grupo das que jogavam, que se encontrava perto dele. Quando a bola regressou à criança, esta agradeceu ao rapaz e este respondeu-lhe com uma voz serena: “Não precisas de agradecer, diverte-te”. Aquele momento emocionou-me. Não consegui evitar que as lágrimas que me pendiam dos olhos caíssem.

E é assim que acaba esta crónica: com emoção.

David Alves, nº8

Hugo Lima, nº14

Jorge Palha, nº16

Pedro Costa, nº24

8ºB

Naufrágio

Goa, 9 de janeiro de 1590

Querida Marta,

Sinto a pergunta a formar-se na tua cabeça. “O que faz ela em Goa?”. Estes dias não têm sido muito felizes. O meu barco naufragou na passada quinta-feira. Não consigo dormir e quando, por instantes, me deixo levar pelo cansaço, sinto-me de volta ao navio, impotente, encharcada, agarrando-me pela vida a um bocado de madeira, a água escura envolvendo-me, fria, escura, encorajando-me a sucumbir às dores de músculos. Não consigo viver mais assim.

Lembro-me de como decidi embarcar nesta viagem. Seguia pela rua abaixo, pensando como faltava à minha vida aventura, algo que me fizesse diferente, que valesse a pena contar aos netos e bisnetos, todos sentados à minha volta, de orelhinhas alertas e de olhos a transbordar fascinação e curiosidade. De repente, vejo ao longe uma grande multidão. O que seria? Mais um burlão? Um homem de falinhas mansas, alto, esbelto, bem-apegoado, que quebrava corações e mealheiros? Mas não era. Era apenas um cartaz. “Tanta euforia por causa de um cartaz?” – pensei. Não lhe daria atenção. Estava prestes a dirigir-me para casa da tia Amélia – tinha de lhe entregar a compota de abóbora, tu sabes como é que ela fica quando não tem a sua compota! – quando o moço dos Branco gritou: – Eu quero ir!, sendo prontamente açoitado pela

avó, que o levou pela orelha à padaria onde trabalha a mãe dele. Pobre senhora! Tem de cuidar do diabo do rapaz bem como do marido que estoura o dinheiro na taberna e que ainda vem para casa pedir satisfações quando as coisas não estão do seu agrado.

Como podes calcular estava bem curiosa. Meti-me pelo meio da multidão, recebendo cotoveladas e empurrões de quem, apesar de não me conseguir ver, sentia a necessidade de me fazer saber que estava a mais naquele aglomerado que há pouco se adaptara ao desaparecimento dos Branco. Quando finalmente cheguei à frente do grupo algo me saltou à vista. Ao lado do cartaz estavam dois homens. Nunca os vira antes e penso que não eram sequer do nosso país, tendo em conta as suas vestes extravagantes. O mais alto e fino usava umas calças vermelhas que tapavam completamente os seus sapatos e uma camisa amarela e verde às riscas. O mais baixo era velho e tinha os olhos brilhantes muito encovados. Usava uma camisa azul e umas calças castanhas e muito justas. Ambos tinham na mão pequenos lenços de seda coloridos, que usavam para limpar o suor que parecia jorrar das suas carecas brilhantes. Os homens começaram então a falar, as suas vozes graves e profundas, levemente roucas. Falavam e apontavam para o cartaz, o que atrairia tanta gente. Nele estava escrito: “Quinquagésima viagem da nau São Rafael”, em letras garrafais. O homem mais velho começou então a falar de como cada um de nós podia fazer parte deste pedaço de história, de que como cada um de nós seria história. Tudo o que tínhamos de fazer era conseguir que o nosso papel fosse retirado da pipa na qual o homem alto se encostava. Começou então a distribuir papéis, falando de grandes viajantes e de terras longínquas e de gentes estranhas e coloridas. De grandes e tenebrosas criaturas, e de como o homem português tudo conquistara e subjugara. Pessoas saltavam e gritavam e roubavam papéis umas às outras. Todas pensavam merecer um bilhete de ida para um paraíso tropical,

onde seriam os reis do mar e da terra e da gente. Eu? Eu só pensava em como poderia ser reconhecida. De entre as ambições egoístas a minha nem era má de todo. Mas sabia que não tinha grande hipótese: muitos da aldeia tinham cinco ou mais papéis na pipa. Eu só tinha um. O homem alto pegou então na pipa e agitou-a, misturando os papéis. Fechei os olhos e rezei. Pedi muito para conseguir, para ser escolhida. O homem alto pousou a pipa e o velho caminhou vagarosamente sem um pingo de preocupação. Como ele me irritou! Eu com os nervos em franja e ele como se aquela situação não mudasse a vida de um de nós. Estendeu a mão e lentamente tirou um papel. Pigarreou e leu: “Maria Esperança”. Nem podes começar a imaginar como me senti naquele momento. Apetecia-me dar um pulo de alegria! E dei, acho eu. Não sei, não me lembro. Que interessa? Tinha ganho. Dei um passo na direção do homem velho que me estendera a mão e me chamava para poder anunciar o vencedor. O meu cabelo estava despenteado e os meus dedos estavam pegajosos da compota. O meu vestido estava manchado e roto, faltando botões no fim. Sentia-me inadequada para a situação. Mas olha, era assim que estava. Virei-me para a multidão. Olhei-os nos olhos. Sentia o seu ódio. Ouvia o burburinho. Não me afetava. Finalmente era alvo de olhares invejosos. Ia gozar ao máximo do meu momento ao sol. Apertei a mão aos homens e combinei as datas.

No dia marcado, de bagagem na mão, procedi à entrada no navio, tendo sido apresentada ao capitão, homem vetusto, bronzeado e com grandes músculos nos antebraços. Rugas e cicatrizes severas unido-se como um todo na sua face.

Fui-me acomodando à vida no navio, observando as paisagens deslumbrantes, os céus rosa, laranja, roxos, que, em minutos, se transformavam em negro, as estrelas brilhando e a Lua tomando o seu lugar como rainha do Mundo.

Todo o horror aconteceu quando menos esperava. Tinha

acabado de jantar na mesa do capitão. Dirigi-me à proa para me deixar envolver pelo frio da noite e pela maresia que dançava pelos meus cabelos, o vento parecendo ganhar vida e dando-me um certo conforto. Quando me debruçava para apanhar um brinco que caíra, ouvi um estrondo. Estava tão mergulhada na minha fantasia que nem me lembrei dos perigos. O medo impossibilitava-me de pensar e caí de joelhos na madeira escura, de olhos fixados na bainha da saia. Fechei os olhos e abri-os novamente. Ao levantar a cabeça pude ver claramente o fogo que emanava da cozinha e se espalhava rapidamente pelo chão e pelos corrimões de madeira polida e pintada de vermelho e dourado, que tanto me fascinara. Agarrando-me à coragem que julgava não ter, atirei-me à água, bem como dezenas de outros tripulantes. O frio era insuportável. Agarrada a um bocado de madeira que entretanto escorregara do navio, deixei-me flutuar. Acordei de manhã na praia, areia e algas cobrindo-me da cabeça aos pés. A areia fazia-me comichão, as conchas e pedras picavam-me e abriam novos rasgos na minha pele pálida por onde sangue vertia, de um vermelho vivo impressionante. Mas só me sentia feliz por estar viva. Flutuara até terra firme. Vivera. Quantos dos meus novos amigos podiam dizer o mesmo? Nenhum, descobri depois.

Sinto a tua falta

Maria Esperança

Filipa Ferreira

9ºA nº12

